

Universidade Federal do Espírito Santo
Licenciatura Intercultural Indígena
PROLIND

**MEMORIAL DO PRODUTO EDUCACIONAL: A CONTAÇÃO DA
HISTÓRIA TUPINIKIM SOBRE A SERPENTE EMBAIXO DA IGREJA**

Ana Paula dos Santos Martins Pêgo

Aracruz
2022

Universidade Federal do Espírito Santo
Licenciatura Intercultural Indígena
PROLIND

MEMORIAL DO PRODUTO EDUCACIONAL: A CONTAÇÃO DA HISTÓRIA TUPINIKIM SOBRE A SERPENTE EMBAIXO DA IGREJA

Ana Paula dos Santos Martins Pêgo

Memorial que acompanha o produto educacional do Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao PROLIND como requisito para obtenção do título de Graduado em Licenciatura Intercultural Indígena da Universidade Federal do Espírito Santo.

Orientadora: Dra. Paula Cristina Pereira Silva

Aracruz
2022

SUMÁRIO

1. APRESENTAÇÃO DA AUTORA.....	04
2. JUSTIFICATIVA DA PESQUISA	06
2.1 Objetivos da pesquisa.....	07
2.2 Percurso metodológico.....	07
3. O PRODUTO EDUCACIONAL.....	08
4. AGRADECIMENTOS.....	09
5. BREVES PALAVRAS DA ORIENTADORA.....	10
6. REFERÊNCIAS.....	13

1. APRESENTAÇÃO DA AUTORA

Este memorial faz parte do Trabalho de Conclusão de Curso (TCC) da Licenciatura Intercultural Tupinikim e Guarani (PROLIND-UFES) e tem como finalidade apresentar brevemente a minha trajetória pessoal-profissional-formativa e, assim, situar como surgiu o produto educacional: *A contação da história tupinikim sobre a serpente embaixo da igreja*.

Minha trajetória de vida não foi fácil, desde bebê luta para sobreviver, na questão de alimentação que digo. Meus pais casaram novos, em seguida minha mãe ficou grávida e meu pai viajava muito, pois logo se envolveu com os trabalhos da comunidade, em busca de melhorias de vida para o nosso povo Tupinikim. Meu pai sempre foi militante das nossas causas Tupinikim e indígenas, desde seus 14 anos de idade. Ele sempre participava de reuniões em busca de saúde, educação, em todas as causas da comunidade. Nessa ausência familiar dele, minha mãe se via na necessidade de buscar o alimento, ela ia para o mangue e catava caranguejo, ameixa, ostra. Era isso que nossa mãe dava para gente, o que o mangue nos oferecia para nos alimentar. Minha infância foi essa, no barco com minha mãe ou com meus irmãos mais velhos.

Quando eu era criança e gente tinha muita liberdade, andava a aldeia toda. Lembro que um dia vi a escola, de porta aberta e tive curiosidade, cheguei perto e tinha uma professora dentro. Quando ela me viu perguntou minha idade e eu falei que tinha 6 anos. Então me falou que estava na hora de eu ir para a escola, falou que eu tinha que falar para os meus pais me levarem. Eu ficava observando-a contando histórias para os alunos, foi aí que considero que começou minha vida na educação escolar. Porque eu já tinha uma educação fora da escola, com meus avós, eles sempre contavam histórias para mim e meus irmãos e nós aprendíamos por meio delas.

Aos meus 14 anos eu conheci um rapaz, engravidei e então nos casamos. Eu era muito nova, estava estudando ainda, mas queria liberdade pois o meu pai não me deixava participar das danças, das reuniões, ele me protegia excessivamente. Nessa época, foi quando começou o Magistério Indígena, eu queria muito estudar para ser

professora. Eu falei para o meu pai ver se não dava para mim entrar, mas ele disse que eu não poderia por conta da minha idade. Então foi não dessa vez e eu acabei sendo babá da minha prima Dandara, filha da Alzenira, nesses encontros do Magistério Indígena. Essa época ficou marcada na minha memória, eu lembro que nós ficamos lá em Ibiracu na casa das freiras e foi onde eu tive um pouco mais liberdade, de sair da comunidade, conhecer novas pessoas.

No meu último ano, hoje, 3º Ano, estava tendo a última turma de magistério e naquela época estavam cobrando o valor de R\$ 124,00 para fazer o curso e a minha vontade era muita, mas eu não consegui novamente pois não tinha o dinheiro. Quando chegou a demarcação das nossas terras, e um acordo foi feito com Aracruz Celulose, que eles financiassem os nossos estudos na faculdade. Foi aí que vi uma chance, uma oportunidade de finalmente realizar meu sonho de estudar. Foi aí que comecei a estudar, fui até o sexto período do curso de secretariado executivo e foi muito bom. Mas infelizmente eu não pude finalizar o curso, pois o acordo com a Aracruz Celulose foi rompido e aí eles pararam de pagar e eu não tive condições de arcar com as mensalidades. Daí mais uma vez vi meu sonho sendo interrompido. Com isso, dediquei minha vida para o meu filho, meu primogenito, o Hugo, pois recebi o diagnóstico que ele tem anemia falciforme comecei uma outra luta, para conseguir atendimento médico pois ele tinha crise atrás de crise.

Nesse tempo eu fiquei em casa, cuidando dele, foi aí que a Educação Indígena começou a acontecer na aldeia, feita pelos próprios Tupinikim. Como meu pai sempre foi um ativista e os professores Tupinikim que já estavam lecionando e sabiam que eu tinha cursado até o sexto período da faculdade me deram a oportunidade de lecionar para as crianças. Foi assim e comecei a trabalhar com educação e voltei a estudar, pois consegui pagar a faculdade de Pedagogia. Mas foi uma época de muita luta pois eu sempre estava também no hospital com o meu filho. Em 2013 eu fui premiada com uma Pós-graduação no Rio Grande do Sul, na faculdade da ESTI, onde pude aprender muito, um ano e meio de grande aprendizagem, pude conhecer outros povos, outros contextos que colaboraram muito com a minha formação escolar.

Além de ser professora, sempre sonhei em escrever um livro. Quando li o livro

“Os Tupinikim e os Guarani Contam” eu percebi que não tinha a história da serpente embaixo da igreja e quando ingressei no Pro-Lind vi uma oportunidade de fazer um livro sobre essa história, que retrata muito a cosmologia do meu povo. Hoje, fico extremamente emocionada ao escrever este memorial, primeiro porque estou realizando vários sonhos, me formar, escrever um livro sobre saberes preciosos do meu povo, segundo porque foram 7 anos de muitas lutas. Ao longo do curso tive outros dois filhos, Benício e Heitor. O Benício é autista, um diagnóstico que recebi a pouco tempo e estou tendo que aprender e reaprender sobre muitas coisas. As lutas são constantes, mas a resistência também, e eu sempre tento resistir para existir.

2. JUSTIFICATIVA DA PESQUISA

A violência física não foi a única que nós, povos indígenas sofremos, diversas foram as instâncias de nossas vidas violadas pela colonização e sua herança. Entre elas, a epistêmica é o que justifica a pesquisa que realizei e o produto educacional gerado a partir dela. Infelizmente, como destaca os trabalhos da pesquisadora indígena Kovach (2005), apesar de nossos sistemas de conhecimento serem legítimos e milenares, continuam sendo vistos como inferiores. Inclusive nos espaços formais de produção de conhecimento, como destaca o professor indígena Gersem Baniwa, “[...] conhecimentos acadêmicos são 99,9% coloniais” (LUCIANO, 2020a, online, transcrição nossa). Por exemplo, quando temos aulas na universidade sobre metodologias de pesquisa, nenhum método e/ou metodologias indígenas nos é apresentado, sendo que, inclusive, já temos uma ampla discussão internacional sobre (WILSON, 2001; KOVACH, 2005; SMITH, 2018).

Entretanto, a barreira para reconhecer nossos sistemas ancestrais de produção de conhecimento é tão grande que, como destaca as pesquisadoras Simonds; Christopher (2013), “[...] muitos dos métodos e teorias indígenas não estão amplamente disponíveis em textos acadêmicos ou artigos publicados, o que dificulta

o acesso a tais fontes” (*apud* SILVA, 2022, p. 47). A pesquisadora indígena Smith (2018) nos explica que, “[...] apesar da extensa literatura a respeito da vida e dos costumes dos povos indígenas, há poucos textos críticos que adotam termos indígenas ou seus sinônimos locais quando se trata de metodologias de pesquisa” (p. 16). Diante disso, procurei desenvolver um trabalho que colaborasse com a transformação, ainda que na escala micro, desse contexto, mostrando que temos práticas próprias, legítimas e ancestrais de produção, compartilhamento e atualização de conhecimentos, ainda operantes entre o meu povo, especificamente, a contação de histórias.

2.1 Objetivos da pesquisa

Tendo em vista o desejo de contribuir com o reconhecimento da epistemologia do meu povo, alinhando-me com a pauta atual dos trabalhos indígenas que visam “[...] não apenas promover ações transformadoras em busca de justiça social para os povos indígenas em ambientes acadêmicos, mas também inclui a valorização e validação de nossos próprios sistemas de conhecimento” (Archibald, Lee-Morgan, Sontolo, 2019, p. 40, tradução nossa), o objetivo geral do trabalho foi: compreender a potência pedagógica da contação de histórias tupinikim a partir da narrativa sobre a serpente embaixo da igreja. Para tanto, percorremos os seguintes objetivos específicos:

- a) Entender a importância da contação de histórias para o povo tupinikim;
- b) Registrar várias narrativas sobre a história da serpente embaixo da igreja;
- c) Destacar os aprendizados obtidos com mestres tupinikim por meio da contação da história da serpente embaixo da igreja.

2.2 Percorso metodológico

Para atingir o objetivo geral do meu trabalho, fundamentei a pesquisa que eu desenvolvi nas reflexões de pesquisadores indígenas sobre a contação de história, *storytelling* (KOVACH, 2009; THOMAS, 2015), que já utilizam essa prática ancestral como uma possível metodologia de pesquisa. Assim, além da contação de história

ser o tema principal da minha investigação se tornou o como eu realizei a pesquisa, por meio da contação de histórias, ou seja, ouvindo as narrativas de alguns mestres tupinikim sobre a história da serpente embaixo da igreja.

Como além de ouvir e registrar as narrativas, eu queria destacar os ensinamentos advindos com a contação da história, guiei-me também pelos princípios do *indigenous storywork*, trabalho por meio da história indígena, que, segundo a indígena Jo-ann Archibald (2008), tanto nos preparam para ouvir a contação quanto entender a potência das histórias como ferramenta de ensino. São os princípios: o respeito, a responsabilidade, a reciprocidade, a reverência, o holismo, a inter-relação e a sinergia.

Assim, após ouvir três mestres tupinikim, com respeito, responsabilidade, reciprocidade e reverência, busquei analisar as narrativas registradas com o gravador de uma forma holística, buscando entender as inter-relações e a sinergia das mesmas com a comunidade, com a mãe Terra, com o meio ambiente e com o território em geral. Feito isso, listei e destaquei os ensinamentos advindos com a narrativa sobre a serpente prisioneiras de cada contador tupinikim.

3. O PRODUTO EDUCACIONAL

Diante da escassez de materiais com foco na contação de histórias indígenas, especificamente dos Tupinikim, que destaquem a potência pedagógica dessa prática ancestral, percebi que as informações registradas com a pesquisa poderiam tanto contribuir com a divulgação de certos saberes do meu povo, diretamente relacionados com a história ouvida, quanto colaborar com a valorização de nossa epistemologia. Por isso, como resultado da minha pesquisa, apresento um livro, que tem grande potencial de colaborar com a construção de uma escola indígena e de uma educação escolar diferenciada, pois valoriza uma prática ancestral tupinikim de produção de conhecimentos e destaca o potencial pedagógico da mesma. Assim, o livro é estruturado da seguinte forma:

- **Capítulo 1:** Discorre sobre o papel das histórias entre os povos indígenas. Tendo como objetivo mostrar que é por meio da contação de histórias que, além de colaborar com a ativação da memória, conhecimentos são partilhados, produzidos e atualizados entre os povos originários.
- **Capítulo 2:** Compartilha que entre os Tupinikim a contação de histórias também é uma prática ancestral, familiar, geracional, de grande aprendizagem. Além disso, explico que me guiei no *storytelling* e no *storywork* para registrar uma história tupinikim, da serpente embaixo da igreja, que ainda não tinha sido registrada.
- **Capítulo 3:** Apresento os mestres tupinikim escutados e as narrativas que eles compartilham sobre a serpente embaixo da igreja. Mantendo-me fiel ao que os mestres quiseram me contar, é possível ver as inter-relações que cada um deles possui com a comunidade, com a mãe Terra, com o território e com suas histórias particulares e coletivas.
- **Capítulo 4:** Destaco os ensinamentos que obtive com a contação da história da serpente embaixo da igreja por meio dos diferentes relatos e, assim, perspectivas dos mestres tupinikim. Com isso, destaco a potência pedagógica da prática ancestral da contação de histórias e potencializo o protagonismo dos contadores tupinikim dando foco no que quiseram nos contar e ensinar.

4. AGRADECIMENTOS

Agradeço primeiro a Deus, minha força e inspiração.

À minha orientadora, Paula Cristina Pereira Silva, por seu apoio incondicional, pela compreensão e paciência.

À minha mãe Maria dos Santos Martins por cuidar da minha vida e dos meus filhos, por estar comigo nessa etapa tão difícil da minha vida.

Aos meus filhos, Hugo Martins Pego, Benício Martins Pego e Heitor Martins Pego, por entenderem a minha ausência por muitas vezes, por não estar presente em

alguns momentos.

Aos meus anciãos tupinikim, Dona Helena, José Sezenando, Lauro Martins (meu pai), grandes mestres que prontamente me atenderam para colaboraram com o trabalho, por me receberam em seus lares.

À Júlia Spinassé Lechi, por ter colaborado cordialmente com a transcrições, uma ajuda fundamental para que eu pudesse finalizar este trabalho.

À todos que acreditaram na minha capacidade e me ajudaram a concluir com muito conforto e palavras de otimismo.

5. BREVES PALAVRAS DA ORIENTADORA

O trabalho de Ana Paula, ao meu ver, é uma prova concreta do que a entrada ‘oficial’ dos povos indígenas nas universidades tem me ensinado, que as cosmovisões indígenas muito se diferem da ocidental dominante eurocentrada, possuindo sistemas próprios de produção de conhecimentos que são ancestrais e, apesar de por séculos terem sido subalternizados por práticas coloniais, ainda são operantes nas suas aldeias. Como por exemplo, a prática da contação de histórias, foco do presente trabalho. Ana Paula assim, alinha-se a uma discussão onde diversos teóricos indígenas vem destacando que seus sistemas de conhecimentos, suas epistemologias, ainda não são totalmente reconhecidos pela academia, que insiste em fundamentar suas pesquisas em referenciais teóricos da sociedade ocidental dominante, assim como seus métodos e suas metodologias.

Entretanto, tais teóricos, assim como Ana Paula, tem nos ensinado que o fazer pesquisa entre os povos indígenas possui não apenas outros objetivos, como também outras formas de ser feita e registrada. Mas, apesar de todo um movimento acadêmico indígena, de pesquisadores que vêm inclusive teorizando sobre o que nós, não-indígenas, entendemos como métodos/metodologias de pesquisa, como destaca a indígena Smith (2018), muitas formas de se fazer pesquisa indígena, por serem contra-hegemônica às ocidentais, são deixadas à margem. Isto porque, como nos

explica o indígena Gersem Baniwa, existem ainda nos espaços acadêmicos uma blindagem do saber-poder que resiste as epistemologias indígenas e ainda age de forma colonial subalternizando seus saberes e fazeres que ainda não são reconhecidos, por exemplo, como ciências. Por isso, é extremamente importante refletirmos sobre certas categorias não indígenas que não tiram os povos indígenas do local de subalternizados pela dita ciência 'moderna', como tem nos alertado o professor Gersem Baniwa (LUCIANO, 2021).

O produto educacional criado por Ana Paula, em formato de livro, materializa também o fazer coletivo que rege grande maioria das pesquisas indígenas. Por se tratar de povos que, na sua maioria, possuem cosmovisões fundamentadas na coletividade, os teóricos indígenas têm destacado que suas pesquisas se alinham aos interesses do coletivo, das aldeias, e, assim, trazem contribuições para as lutas de diversas naturezas que os povos originários ainda enfrentam diariamente. Ao meu ver, o trabalho de Ana Paula colabora com luta indígena pela justiça cognitiva, tanto por fundamentar a pesquisa que realizou em uma prática do seu povo, a contação de histórias, quando por reconhecer que essa prática é um caminho legítimo de produção de conhecimento. Além disso, o trabalho dá destaque aos mestres tupinikim, buscando quebrar a lógica da pesquisa acadêmica onde o pesquisador busca apenas o que deseja ouvir. Ana Paula se esforça para ouvir o que os contadores queriam contar e, assim, aprender o que eles a queriam ensinar. Isso sim é dá protagonismo aos participantes da pesquisa que passam a participar em outros termos, tendo seus saberes ancestrais reconhecidos e valorizados.

Fico muito orgulhosa de Ana Paula ter tido coragem de trilhar caminhos de pesquisa que honram as epistemologias do seu povo, que honram os mestres do seu povo, buscando retornar para sua aldeia, de forma acessível, todo conhecimento que eles cordialmente partilharam com ela e que também produziram juntos. É importante mencionar que houve uma preocupação ao criar o produto educacional referente a se pensar um design que tanto se alinhasse com a identidade tupinikim, trazendo elementos que aparecem nas falas dos contadores, que se unisse a outros elementos gráficos que pudessem trazer leveza e descontração a uma história que para alguns

pode ser considerada 'polêmica', por envolver a igreja, e até mesmo 'pesada', por envolver um ser com tamanho poder. Assim, nossa intenção também era criar um livro envolvente, que despertasse curiosidade na juventude pelos conhecimentos ancestrais nele registrado.

Por fim, destaco que fico extremamente feliz pelo Prolind/UFES permitir e potencializar esses caminhos outros no fazer pesquisa acadêmico porque isso sim é reconhecer e potencializar a multiplicidade epistêmica que constitui o Brasil, e, assim, colaborar com o questionamento de práticas coloniais que ainda reverberam nos espaços de produção de conhecimentos. Além disso, destaco a imensa força e resiliência de Ana Paula, nítidas neste memorial, e na caminhada que tivemos juntas. Ana Paula, enfrentou com muita bravura não somente as diversas limitações e restrições para a realização do TCC advindas com a pandemia de Covid-19, ela também passou por lutas pessoais extremamente pesadas, que poderiam para qualquer um, mas não a parou. Todo o meu respeito e agradecimento a você, querida Ana Paula, que me ensinou sobre a força indescritível da mulher mãe tupinikim, que resiste, insiste e (re)existe diariamente.

Obrigada Ana Paula! Obrigada povo tupinikim!

Paula Cristina Pereira Silva

6. REFERÊNCIAS

ARCHIBALD, Jo-ann. An Indigenous Storywork Methodology. In: *Handbook of the Arts in Qualitative Research: Perspectives, Methodologies, Examples, and Issues*. Thousand Oaks: SAGE Publications, 2008.

ARCHIBALD, Jo-ann; LEE-MORGAN, Jenny Bol Jun; SONTOLO, Jason. *Decolonizing Research: Indigenous Storywork as Methodology*. London: Books Ltd, 2019.

BARBOSA, Adriana Vitoriano. 74p. *Saberes Lunares Tupinikim na Aldeia de Caieiras Velha*. Trabalho de Conclusão de Curso - Licenciatura Intercultural Indígena Tupinikim e Guarani (PROLIND), Universidade Federal do Espírito Santo, Aracruz, 2022.

BONIN, Iara Tatiana. *E por falar em povos indígenas... quais narrativas contam em práticas pedagógicas?*. 2007. 220f. Tese (Doutorado em Educação) – Faculdade de Educação, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2007.

KOVACH, Margaret. Emerging from the Margins: Indigenous Methodologies. In: *Research as Resistance*. p. 43-64. Toronto: Canadian Scholars' Press, 2015.

KOVACH, Margaret. *Indigenous Methodologies – Characteristics, Conversations, and Contexts*. Toronto: University of Toronto Press, 2009.

LUCIANO, Gersem. *Educação Indígena*. Canal da Rádio Yandê no Facebook, 2020a. Disponível em: <<https://m.facebook.com/radioyande/videos/535519520433433/>>. Acesso em: 6 abr. 2020.

LUCIANO, Gersem. *Uma história da modernidade contada pelos indígenas: Gersem Baniwa e Edson Kayapó*. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=3ZrKOQXkpQw>>. Acesso: 18 nov. 2021.

SILVA, Paula C. P. *XI HÕNHÃ? E AGORA? VAMOS SER PESQUISADORES: um fazer pesquisa tikmũ'ũn entre múltiplos seres, saberes e fazeres*. 2022. 280p. (Tese de Doutorado) – Programa de Pós-Graduação Conhecimento e Inclusão Social

em Educação para fins da obtenção do título de Doutora em Educação, Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, Brasil.

SIMONDS, Vanessa W; CHRISTOPHER, Suzanne. Adapting Western Research Methods to Indigenous Ways of Knowing. In: *American Journal of Public Health*, 2013. v. 103. n. 12.p. 2185-2192.

SMITH, Linda Tuhiwai. *Descolonizando metodologias: pesquisa e povos indígenas*. Curitiba: Ed. UFPR, 2018.

SMITH, Linda Tuhiwai. *On tricky ground: Researching the Native in the age of uncertainty*. In N. K. Denzin, Y. S. Lincoln, & L. T. Smith (Eds.), *The Sage book of qualitative research*. Thousand Oaks: SAGE, 2005. p. 85-108.

WATTS-POWLESS, Vanessa. *Lugar-Pensamento indígena e agência de humanos e não-humanos (a Primeira Mulher e a Mulher Céu embarcam numa turnê pelo mundo europeu!)*. Espaço Ameríndio, Porto Alegre, v. 11, n. 1, jan./jun. 2017. p. 250 - 272.

WILSON, Shawn. *Research is ceremony: Indigenous research methods*. Canada: Fernwood Pub, 2008.

WILSON, Shawn. What is indigenous research methodology? In: *Canadian Journal of Native Education*, v. 25, n.2, p. 175-179. 2001.